

asa

MILO ROBERT

A 12 JUNHO 197

CONV

óprio momento e ato
de seus trabalhos to-
-via-chave: a plenu-
mples fôlha de pa-
te, de tudo o que

INAUGURAÇÃO DIA 22 DE JULHO DE 1965, ÀS 21 HORAS, NA

GALERIA DA ASA

ASSOCIAÇÃO SCHOLEM ALEICHEM DE CULTURA E RECREAÇÃO
Séde Própria: Rua São Clemente, 155 — Tel. 46-7030

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS DE

DAVID UZURPATOR

e

FERNANDO GOLDGABER

OBRE A CIDADE DO RIO DE JANEIRO NO
SEU IV CENTENÁRIO

PRIMU

Esta bela exposição dos fotógrafos amadores Fernando Goldgaber e David Uzurpator representa uma das mais tocantes homenagens à cidade do Rio de Janeiro no ano do seu quarto centenário. Não há aqui o Rio para inglês vêr, o Rio de cartão postal, com os seus eternos lugares-comuns. Aqui está o Rio que um grande poeta, Ribeiro Couto, chamou "de vício e da graça", o Rio nos seus humildes aspectos mais característicos, apreendidos por olhos que sabem vêr, olhos de mestres na arte de escolher o assunto, o ângulo de melhor tomada, a luz de mais certa incidência.

Manuel Bandeira

David Uzurpator, nasceu na Polônia, em 1921. Infância e juventude passadas em Santos. Começou a fotografar em 1952. Membro e Professor da Associação Brasileira de Arte Fotográfica. Participou de dezenas de Salões Fotográficos no Brasil e no exterior. Trabalha no ramo gráfico.

★

Fernando Goldgaber, nasceu no Rio de Janeiro, em 1926. Infância e juventude passadas em Niterói. Começou a fotografar em 1951. Membro da A.B.A.F., F. C. C. Bandeirante e George Eastman House. Fotos de crianças na 11.^a, 12.^a e 13.^a Exposições de Pintura de Crianças no Curso de Ivan Serpa no MAM. 1964 participou em Coletiva no IBEU, e individuais no Rio, São Paulo e Friburgo. 1965 na Galeria Convivium, em Salvador. Trabalha numa firma exportadora.

MATERIAIS TRANSFIGURADOS

SALA GOELDI

RUA PRUDENTE DE MORAIS 129 - GB / 2 A 12 JUNHO 1977

Reunimos nesta exposição transfiguradores de materiais aparentemente silenciados pelo uso diário, que os remete à rotina e os exime de impacto. Três, apenas, para exemplificar a imensa massa dos que hoje assim procedem com vistas a inflar a arte de vida, eliminando a velha rivalidade insidiosamente instalada entre ambas, século a século. Quando a arte se aproxima da vida, e transforma a equação arte/vida em vida/arte — rumo maior em nosso século — é inevitável que o faça pela ampliação ilimitada de seu âmbito, pois essa amplitude é a vida mesma que propõe, sustenta e impõe como fundamento primeiro.

Manuel Moreno está aqui como exemplo de uma intuição que absorve toda a minúcia da vida. Por volta de 1966, começou a pintar minúsculas paisagens e marinhas no fundo das tampas brancas dos copinhos de sorvete; reunindo lado a lado vinte ou vinte e cinco delas sobre um suporte — com a criação de um cosmo de luminosa variedade, para a qual aproveitava até mesmo, funcionalmente, o relevo da inscrição do tipo de sorvete (creme, morango, abacaxi) gravada na tampa — tem apresentado periodicamente esses conjuntos na própria rua onde mora, no Jardim Botânico, e onde pouco a pouco vai abandonando a pintura, ao peso dos oitenta anos. O mecanismo ingênuo através do qual instala a contemporaneidade na sua pintura de formação convencional impulsiona o precário a uma pulsação inusitada, como se no pouco, no tóscico e no frágil — contingências do que flui no tempo — tudo se resumisse, plenitudinamente.

A mesma precariedade é a matéria com que trabalha Paulo Roberto Leal, cinquenta e cinco anos mais jovem. Ao papel comum — folhas de cartolina ou de desenho, tiras de máquinas de calcular, etc. — êle permite transmudar-se, sob um gesto/sôpro quase imperceptível, em vibrações emergindo diretamente do silêncio. Quer êle dizer que há em tudo, mesmo no quase-nada, uma voz contida, um motor subterrâneo, uma possibilidade de espriar-se em novos múltiplos significados. Tão deliberadamente precário é o núcleo

de sua proposta que só no próprio momento e ato de arrumar a exposição alguns de seus trabalhos tomarão forma, a partir de uma idéia-chave: a plenitude significativa potencial de uma simples folha de papel: a plenitude, pura e simplesmente, de tudo o que existe.

Quanto a Montez Magno, deixo os comentários Lygia Pape, com quem organizei esta exposição.

ROBERTO PONTUA

Montez Magno lembra Herbin. Herbin atuava no plano e Montez, já agora, no espaço. Seus trabalhos — o conjunto — têm uma reminiscência de coisa conhecida, guardada na memória, o inconsciente coletivo das experiências visuais. A cor, a forma. A precariedade e o improvisado das feiras. Dos parques de diversão. Aquilo que sobra de um todo — a essência. Mas nunca o folclórico. Há a idéia. E ela rasca o material do cotidiano. Como uma proposta, uma amostragem, a transmutação do uso ordinário ao novo significado. Algo diferenciado. O anti-resíduo da faina, alguma coisa nova, plena. E' antiarte. Proposta a partir do quase-nada. Daquilo que é usado e, agora, é novo-ato.

As tábuas de carne, não mais tábuas, mas ícones de carne de um homem, outro homem e outro homem — a massa. O olho único, perplexo, desfilado. Agora, os ouriços rastejam o material insólito e precário. Ouriço — e tão frágil. Canudinho de laranja e, agora, arma agressiva (por hipótese). A placa negra e longa de um outro trabalho: o fio branco e a bola que sobe-desce-sobe, levitando — é o prumo, é o rumo e é bela.

A exposição nos diz: o material provoca a criação, sugere a invenção, espontâneo, liberto de qualquer conotação particular. Reassume nova origem — não a do uso diário — mas a do sonho colorido.

LYGIA PAPE

MANUEL MORENO

Nasceu em Málaga, Espanha, 1891. Veio para o Brasil com dois anos de idade. Estudou no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Trabalhou durante 47 anos em uma fábrica de tecidos e 3 anos em pintura decorativa de paredes.

MONTEZ MAGNO

Nasceu em Timbaúba, Pernambuco, 1934. Começou a pintar em 1953. Em 1963/64 esteve na Europa. Recebeu isenção de júri no Salão Nacional de Arte Moderna de 1967. Sua exposição individual mais recente ocorreu na Petite Galerie (GB) no ano em curso. Reside no Rio.

PAULO ROBERTO LEAL

Nasceu no Rio de Janeiro, 1946. Tendo realizado alguns trabalhos de programação visual, começou a figurar em mostras coletivas no corrente ano. Recebeu prêmio de aquisição no XIX Salão Nacional de Arte Moderna.